

senado Federal

Indignado, FHC deixará que ex-líder 'se vire'

Para presidente, assunto é "exclusivo do Congresso" e ele não deve envolver-se

GERSON CAMAROTTI
e SILVIA FARIA

BRASÍLIA – O presidente Fernando Henrique Cardoso não escondeu de integrantes da comitiva oficial, durante a viagem a Quebec, no Canadá, sua irritação com o episódio envolvendo o ex-líder do governo no Senado José Roberto Arruda (PSDB-DF), que, com o senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), foi acusado pela ex-diretora do Serviço de Processamento de Dados do Senado (Prodasen) Regina Borges de ser responsável pela violação do painel eletrônico na votação secreta que cassou o mandato do então senador Luiz Estevão (PMDB-DF).

"Arruda que se vire", disse Fernando Henrique, indignado, a um deputado que o acompanhava. "Eu o aconselhei a deixar o cargo de líder e ele não me ouviu."

Não é por acaso a insatisfação. Além da certeza de que Arruda está envolvido no episódio, ele sabe que o seu ex-líder usou o cargo para tentar abafar as investigações. Fernando Henrique foi informado de que Arruda aproveitou-se de sua condição de líder do governo – dizendo-se emissário do Planalto – para tentar costurar um pacto entre o presidente do Senado, Jader Barbalho (PMDB-PA), e ACM. "Nunca ordenei acordo. Pelo contrário", disse o presidente.

Arruda tentava, há três semanas, insistentemente, tornar viável um acordo de não-agressão entre os dois políticos. Sua alegação: a necessidade de evitar a abertura da CPI da Corrupção, que prejudicaria a governabilidade dos últimos meses do mandato de Fernando Henrique. Sabe-se, agora, que, na verdade, Arru-



Dida Sampaio/AE

O presidente, em Quebec: "Aconselhei-o a deixar o cargo e ele não me ouviu"

AÇÃO DE ARRUDA ERA PARA ABAFAR O CASO

da queria evitar o aprofundamento das investigações sobre a violação do painel eletrônico.

As investidas de Arruda para promover o pacto coincidiram com as

primeiras notícias publicadas pela revista *IstoÉ*, revelando o seu envolvimento com a quebra de sigilo da votação no Senado. A iniciativa do então líder do governo nunca contou com o aval do Planalto ou do próprio presi-

dente. Pelo contrário.

Distância – Durante jantar para 30 pessoas na noite de quinta-feira, em Quebec, o presidente voltou a enfatizar que esse era assunto exclusivo do Congresso e ele não deveria se envolver. Disse também que estava preocupado e demonstrava aborrecimento.

O presidente chegou a ser questionado pelos parlamentares sobre a conveniência de fazer um enfático pronunciamento, deixando claro que a crise política era problema do Congresso. Mas foi contra a idéia. "É preciso preservar o

Congresso e evitar colocar mais lenha na fogueira", ponderou. "A crise é grave, mas é um assunto que o Congresso tem de resolver."

O tom de Fernando Henrique demonstrou que não ele quer novo atrito com a base. Ele foi informado de que sua declaração de que vê o Senado desmoralizado para abrir CPI contra o governo, sugerindo que parlamentares deveriam resolver os próprios problemas para, depois, investigar o Executivo, irritou os aliados.

A avaliação no Planalto é que, a curto prazo, a nova crise política no Congresso ajudará o governo a evitar a CPI.

"Com tantos problemas para resolver, a CPI acabará perdendo força no Congresso", aposta um ministro tucano. "Pelo menos enquanto todo o episódio da

quebra de sigilo do painel não ficar esclarecido."

Comemoração – O escândalo chegou a ser comemorado pela cúpula do PMDB. As denúncias sobre quebra de sigilo do painel estavam tirando o presidente da Casa da linha de tiro, mas novas denúncias surgidas neste fim de semana, envolvendo a mulher de Jader, Márcia Cristina Centeno, que se teria beneficiado de projeto da Sudam no valor de R\$ 9,6 milhões, prometem recolocar Jader no centro do furacão, ao lado de Arruda e ACM.